

JEN BESSER
E SHANA FESTE

*Dirty
Diana*
O Despertar

TRADUÇÃO
ANA MENDES LOPES

Prólogo

No exterior da nossa tenda, a noite está escura, intensa e absolutamente cristalina. No interior, fecho os olhos e tento dormir, mas o chão está frio e muito duro contra as minhas costas. Comprimo os lábios e tento evitar que os meus dentes batam.

Dentro do teu saco-cama *deve* estar mais quente.

Viro-me de lado para poder olhar para ti. No céu, está a lua nova e só as estrelas dão alguma luz. Tingem-te com um tom onírico – tens a pele suave, à exceção dos lugares onde a barba começou a crescer, após três dias no deserto. Tens os olhos fechados, o rosto virado para cima, em direção à abertura de rede da tenda, e os teus lábios, carnudos e perfeitos, estão fixos num sorriso descontraído, como se até a dormir admirasses as estrelas. Não deves ter frio, porque os teus braços estão em cima do saco-cama, a repousar, triunfantes, ao lado do corpo. O teu peito, despido e musculado, sobe e desce num ritmo regular.

Não fazemos sexo há horas, mas parecem-me anos.

Vim preparada para dias quentes e noites frias no deserto – ou, pelo menos, ouvi e assenti enquanto me avisavas, coisa que agora sei que é diferente de estar preparada. Subestimei completamente o tempo, da mesma forma que hoje ambos subestimámos as colinas escarpadas que nos rodeavam. «O pico não é assim *tão* alto», dissemos. «Vamos caminhar até ao topo». Foste subindo como se o sol não te incomodasse e, se não estivesse contigo, terias avançado muito mais depressa.

Perto do topo, passámos pela entrada de uma gruta. Questionei-me em voz alta quem viveria ali. «Talvez um lince», respondeste, com um encolher de ombros. Por isso, fiz o mesmo. Encolhi os ombros, disse «Que fixe» e recuei.

Enterro-me mais no meu saco-cama enquanto desejo ter mais uma camada de roupa vestida. A temperatura do teu saco só pode ser diferente. Imagino-me a rastejar para junto de ti, mas não tenho a certeza se queres ser acordado. O nosso relacionamento é tão recente que todas as escolhas me parecem pesadas, como se cada uma delas pudesse dar origem a terríveis mal-entendidos – acordar-te pode dar-te a ideia de que não respeito os teus limites ou a importância de um pouco de espaço para equilibrar a intensidade da nossa proximidade física. A novidade desta relação é inebriante, mas também incerta e movediça.

Os últimos três dias foram excitantes, ambos nos deixámos seduzir pelas mais pequenas coisas – uma passa de erva, a alça do sutiã a escorregar-me pelo ombro. Levantámos constantemente os olhos do trabalho para nos apanharmos a olhar um para o outro.

Ponho os braços no interior da minha *T-shirt* à procura de um pouco de calor extra e fito as estrelas por entre os buracos de rede do teto da tenda. Penso no trilho rochoso e íngreme na entrada da gruta. E no lince.

Lembro-me do gorro de lã que deixei ao lado da fogueira do acampamento. Subitamente, o gorro é a solução para a minha insónia, é o que me vai aquecer. Tenho de ir buscá-lo.

Saio do saco-cama, com cuidado para não te acordar, abro o fecho da tenda e esgueiro-me silenciosamente para a noite.

O ar está tão frio que até corta. Aqui perto há uma coruja, consigo ouvi-la, ruidosa e atenta, enquanto agarro no gorro que está junto à fogueira moribunda. As árvores na orla do acampamento têm um brilho azulado e um lagarto passa rapidamente perto dos meus pés. Assusto-me tão facilmente que acabo por achar graça a mim mesma.

Inspiro profundamente, encontrando consolo nas últimas brasas incandescentes da fogueira, e estendo as mãos para as aquecer. À medida que os meus ombros descontraem, inspiro a quietude da noite.

– Diana! – O som da tua voz faz-me saltar. Agarras-me pelos ombros e puxas-me para o teu lado. O feixe da tua lanterna ilumina as árvores, dançando sobre as folhas, até que pousa sobre um par de olhos atentos e brilhantes que nos fitam diretamente. – Volta para a tenda.

Arquejo e recuo lentamente. Ela está a observar-nos.

Dentro da tenda, apontamos a luz através da janela até o seu corpo esguio e felino recuar na noite, em direção às colinas.

– Achas que vai voltar?

– Estamos bem – dizes, mas o teu coração continua a bater com força contra o peito e o meu faz o mesmo. Observamo-nos no meio do silêncio: os nossos olhos grandes e vigilantes, os corpos enregelados. A minha gargalhada quebra a tensão antes da tua.

– Isto foi aterrorizador – dizes.

– Bastante.

A tenda é pequena, mas a distância que nos separa é subitamente demasiado longa. Os teus olhos descem dos meus até à minha boca. Observo a tua garganta, os músculos robustos dos teus braços, o teu rosto.

Quando os nossos lábios se tocam, percebo que estou a tremer. A tua boca é quente e sabe a sal. Beijamo-nos até sentirmos o calor a irradiar do meu corpo. Tiro a *T-shirt*. Sentas-te para poderes ver as curvas dos meus seios, suaves e ansiosos sob a luz pálida.

Abres o saco-cama e fazes um colchão para os dois. Deitamo-nos de costas, ambos despidos da cintura para cima, só as nossas mãos se tocam delicadamente. Tentamos abrandar o êxtase deste momento.

– Não quero voltar para a cidade amanhã – digo.

O que penso é: *quando voltarmos, tudo se vai evaporar, incluindo nós*.

Olho para o céu, mas distrais-me demasiado. Quando me viro para te encarar, já os teus olhos estão a fitar os meus. Viramo-nos de lado e puxas-me para ti. Tens a pele morna, como se tivesses acabado de sair do sol.

Puxo o cós das tuas calças até debaixo das ancas e acaricio a pele despida com o meu estômago, sinto-te a ficar duro.

Seguro no teu sexo e gemes.

– Onde estou? – perguntas. Sorrio e agarro-te com mais força. – E o que estamos a fazer?

Solto uma gargalhada.

– Neste momento ou com as nossas vidas?

Beijas-me e mordes-me suavemente o lábio inferior.

– Ambas.

– Bem, neste momento, estamos a acampar. – Depois, acrescento:

– E também andamos a fazer montes de sexo.

– Hum, pois é – murmuras, ainda a beijar-me.

– E talvez estejamos a esconder-nos do mundo. – Ponho uma perna por cima de ti e, de seguida, puxo o corpo todo. – Ou talvez não ande ninguém à nossa procura. – Talvez a coruja seja a única que nos observa.

As tuas mãos deslizam pelas minhas costas, para dentro das calças.

– Temos de tirar isto – dizes.

Sorrio e levanto a anca para me conseguires despir.

– E estas então, nem se fala – acrescentas enquanto despimos juntos a minha roupa interior para que fiquemos nus.

– Ainda tens frio?

Afasto as pernas, ligeiramente apenas, em jeito de resposta, para poder roçar com a parte mais quente e suave de mim sobre a tua ereção.

Inclinas a cabeça para trás com prazer e agarras-me nas ancas.

– Gosto de me esconder contigo.

– Também eu.

Beijo-te a barba ao longo do rosto. Puxas-me ainda mais para ti e os teus gemidos guturais enchem a tenda.

Também estamos a apaixonar-nos, acrescento, só não em voz alta.

Prendo as pernas à volta das tuas e comprimo o corpo contra o teu.

Preciso de te ter dentro de mim. Já nem sequer é um desejo, é uma necessidade. Puxo o corpo um pouco para cima e inclino a anca para a frente, para a ponta do teu pénis entrar.

– Espera. – Seguras-me pelas ancas. – Deixa-me tocar-te primeiro.

Rebolas suavemente para cima de mim, ficas com os antebraços encostados ao chão ao nosso lado. Afasto um pouco mais as pernas, mas abanas a cabeça.

– Não te mexas. – Seguras-me nos pulsos sobre a minha cabeça. Sinto-me invadida por uma onda de calor e agito-me por baixo de ti, na esperança de conseguir sentir o teu corpo duro dentro do meu. Voltas a abanar a cabeça. – Nada de movimento – murmuras.

Largas-me os pulsos e deslizas as mãos pelo lado do meu corpo. Tenho as mãos livres, mas deixo-as ficar exatamente onde estão. Fecho os olhos. Neste momento, já estamos noutro lugar, a flutuar numa espécie de escuridão febril onde a única coisa em que consigo concentrar-me é em seguir as tuas indicações em direção às profundezas do prazer.

Enquanto beijas a cova onde o meu pescoço se encontra com o peito, seguras-me nos seios. A seguir, beijas-me os mamilos. Estão duros por baixo dos teus lábios. Enfias dois dedos dentro de mim e sei que consegues sentir quão inchada estou. Não consigo evitar, a minha mão procura a tua.

– Por favor – murmuro. – Quero foder-te. – Mas manténs a tua mão onde ela está e moves os dedos em círculos lentos. – Quero-te dentro de mim – continuo.

– Confia em mim.

Ao ouvir a tua voz, profunda e faminta, sinto uma onda a formar-se dentro de mim, uma pressão que só tu podes libertar. Talvez seja porque, antes de ti, nunca ninguém tentou tornar-se tão íntimo da geografia do meu corpo.

Quanto mais cheia me sinto, mais quero contorcer-me. Luto contra o impulso de tirar a tua mão e uma molécula desperta em mim. Questiono-me se vai evaporar-se ou aumentar de intensidade.

A molécula desvanece-se e aproveito para recuperar o fôlego.

– Deixa-te levar – murmuras-me ao ouvido.

Arqueio as costas e empurro-me mais para ti. A tua barba arranha-me o rosto, deixa-o a arder. Desta vez, quando a molécula regressa, multiplica-se. Entreabro a boca e respiro cada vez mais depressa.

– Confia em mim – dizes. – Já estás tão perto.

As minhas ancas movem-se ao ritmo da tua mão, incentivando-a a pressionar com mais força, a ficar mais tempo, a continuar até poder derreter-me contra ti.

– Estás tão perto – repetes, como se conhecesses o meu corpo melhor do que eu.

Movimento-me contra ti até estar prestes a desmoronar-me.

– Estou prestes a vir-me. – Declará-lo em voz alta dá permissão ao meu corpo. Inclino a cabeça para trás. Solto um grito para o céu do deserto.

Sorris, beijas-me com voracidade e sei que não ficamos por aqui.

O meu corpo estremece.

– O que foi isto? – pergunto.

Limitas-te a sorrir e, por entre beijos, perguntas:

– Posso foder-te?

O meu corpo é teu. Podes fazer dele o que quiseres. Assinto e volto a deitar o corpo no saco-cama quente, afasto as pernas, sinto as coxas ainda a tremer. Entras em mim rapidamente e a grossura do teu sexo é ainda mais pronunciada. Fecho-me em teu redor, como se suplicassem para ficas aqui. *Nunca te vás embora.*

Agarras-me nas mãos e entrelaçamos os dedos, empurras-me contra o chão duro.

– Meu Deus, és tão boa – murmuras.

Rebolo para cima de ti e enrolo as pernas na tua cintura. Sentas-te também, com as mãos no fundo das minhas costas. Levas a boca ao meu seio, mordes-me o mamilo e, a seguir, sugas, como se quisesse pedir desculpa. Eu levanto e baixo as ancas à medida que te enterras mais em mim. Movemo-nos juntos, cada vez mais depressa.

Inclino-me para trás e sinto um formigueiro estranho no pescoço. Está quente. Demasiado quente. Afasto a sensação com a mão.

Endireito-me e concentro-me em ti, nos nossos corpos, na tua pele contra a minha, na sensação de estar a foder contigo.

Agora sinto o formigueiro no rosto. Sinto-o mais como um vento pegajoso. Sacudo-o com a mão. Movimento-me contra ti, mas a pressa dos nossos corpos um contra o outro desapareceu. Sinto o chão duro por baixo de mim – mas estou sentada sobre o teu colo, devia sentir-te a ti, não ao chão. A brisa estranha e irritante regressa ao meu rosto e distrai-me de ti.

Olho para baixo, mas viras-te para o outro lado. Não consigo ver o teu rosto.

Fecho os olhos com força e obrigo-me a regressar ao meu corpo, a mergulhar nas ondas de prazer que me invadem. Quero desesperadamente voltar para o calor que havia entre nós.

Mas já estou noutro sítio.

Abro os olhos de repente. Estou a olhar diretamente para o rosto do meu marido, que dorme ao meu lado. Não estou numa tenda sob as estrelas. Estou no meu quarto, entre os meus lençóis imaculados de riscas finas.

O calor que sinto não é o meu desejo, mas a respiração do meu marido, quente e pouco fresca contra o meu rosto. De cada vez que ele expira, faz um ruído como o de uma bomba de ar minúscula a encher uma jangada de borracha gigantesca.

Enterro o rosto na almofada, incitando-me a regressar ao meu sonho, à tenda, à noite fria e cheia de estrelas.

Mas não vale a pena. Agora já acordei.

*Dallas,
Texas*

ATUALIDADE

Capítulo 1

Na nossa casa há uma divisão onde raramente entramos. É o terceiro quarto, um espaço pequeno e perfeitamente quadrado onde ninguém dorme. Só lhe chamamos quarto porque continua a ter a alcatifa grossa, fofa e de tom bege que os antigos proprietários deixaram.

Eu e o Oliver entrámos aqui à procura de papel de embrulho, apenas o suficiente para embrulharmos uma pequena sereia de plástico que ele e a nossa filha, Emmy, compraram para a festa de aniversário da sua melhor amiga.

– Eles podiam ter feito o embrulho na loja – digo. Não consigo evitar. – De graça.

Ele olha de relance para o roupeiro atafulhado.

– Tivemos de vir rapidamente para casa antes que a Emmy fanasse alguma coisa.

– Oliver. – Solto uma gargalhada. – Isso aconteceu *uma* vez, há quase um ano. – Quando tinha cinco anos, a nossa filha roubou um pacote de pastilhas elásticas *Juicy Fruit* na mercearia, naqueles expositores perto da caixa, e, a seguir, fingiu inocência quando já estava no carro, a tentar fazer um balão.

– Ela é uma larápia, Diana. Uma cleptomaníaca implacável. – O Oliver sorri e sai do quarto, deixando-me a procurar o papel.

No início, eu e ele sonhávamos que este quarto podia ser um escritório para os dois. É demasiado pequeno para ele montar uma oficina como deve ser, mas, à tarde, a luz aqui é maravilhosa e podia ter a mesa de desenho que ele sempre quis. E eu teria espaço para o meu cavalete e as minhas tintas.

Quando nos conhecemos, eu tinha vinte e seis anos e vivia em Dallas com sete pessoas numa casa degradada que todos tentávamos fazer de conta que era uma comuna para artistas. Chamávamos-lhe a «A Cooperativa», mas era mais uma casa de festas que nunca ninguém limpava. Em certa ocasião, afixei, muito determinada, uma tabela de tarefas com uma coluna de inscrição, pensando que iria resolver tudo. Em vez de colocarem as suas próprias iniciais em frente das tarefas que queriam fazer, os meus colegas colocaram o Matthew McConaughey a limpar as casas de banho e o Fantasma de Sir Alec Guinness a tratar da cozinha.

Em certa altura, no pico do verão, alguém deixou carne crua dentro do triturador de lixo que estava partido e tivemos uma colónia de larvas, por isso, comecei a guardar a minha comida no quarto. Durante algumas tardes, divertia-me a fazer esboços da casa e dos meus colegas, com detalhes exagerados e um pouco grotescos. Enviei um punhado dos desenhos ao meu amigo Barry, que vive em Santa Fé, e outros para a minha melhor amiga, Alicia, que estava na escola de cinema em Nova Iorque. Assinei-as como «Dirty Diana», porque as histórias exageradas das minhas aventuras nojentas na Cooperativa horrorizavam o Barry e faziam rir a Alicia. Ambos me responderam com cartas longas e queridas, e, certa vez, a Alicia enviou-me um bilhete que dizia «Se precisares que te envie ajuda, pestaneja duas vezes», colado a uma esponja de cozinha limpa.

Depois, numa noite, tive uma intoxicação alimentar, provavelmente no jantar de equipa no restaurante onde servia às mesas, e tive de me fechar na casa de banho do piso de baixo da Cooperativa. Os meus colegas de casa estavam a dar uma festa e, enquanto eu jazia no chão

gelado de azulejos, o meu cabelo comprido, louro-escuro, colado ao rosto transpirado, rezava para parar de vomitar ao mesmo tempo que as pessoas da festa passavam por cima de mim para usar a sanita. Aninhada junto à banheira, reparei que as beiras tinham sido grafittadas com marcador. Alguém desenhara um Bart Simpson bastante bom em cima de um *skate* e outra pessoa escrevera um verso: *Agora que estou sentado/ tenho o cu inchado/ porque dei à luz/ algo do tamanho do estado*. Naquele momento, a minha cabeça estava a rachar de dor de cabeça, mas pensei: *Bela rima. Mas a métrica não está certa*. No dia a seguir, comecei a procurar um lugar novo para viver.

Visitei cinco apartamentos estúdios, todos com infiltrações e cheiros estranhos, depois, dirigi-me ao último lugar na minha lista, que ficava num edifício atarracado de estuque cinzento, numa rua sossegada, com uma alegre fila de roseiras cor-de-rosa ao longo da entrada.

Em frente ao edifício estava um rapaz, calmamente a matar mosquitos.

– Menina Reece? – Dobrou a folha de papel que estava a ler até esta ser um quadrado perfeito e guardou-a no bolso das calças. Estava vestido como se fosse bastante mais velho, com umas calças de sarja com pregas e uma camisa cor de menta, por isso, só quando me aproximei dele é que percebi que devia ter mais ou menos a minha idade. O seu cabelo era castanho, grosso, os ombros, largos e os olhos azul-esverdeados pareciam exatamente como eu imaginava um lago no pico do verão – sem ondas agrestes, só água morna e cintilante.

Pedi-lhe desculpa por o ter deixado à espera.

– Apanhei o autocarro errado. Duas vezes, para dizer a verdade. Saí do errado para entrar no certo e acabei por *voltar* para o errado.

Observei a expressão dele, os olhos bondosos, e imaginei-me a desenhá-lo: nariz perfeitamente direito virado para baixo, a olhar para mim por baixo da testa fonzida, com um balão de pensamento por cima da cabeça a dizer «Cristo, de onde me saiu esta?»

Mas, na vida real, o rosto dele não denunciava o menor juízo de valor, nem sequer uma ondulação nos olhos serenos. Afastei a franja

da testa e desejei ter lavado o cabelo em vez de o ter apanhado num coque desalinhado junto ao pescoço.

– E o ar condicionado do terceiro autocarro não estava a funcionar, por isso, apesar de estar no autocarro *certo*, senti definitivamente que...

– Ali estava ela, uma discreta, mas perceptível ruga entre as sobrancelhas. – Era o autocarro certo. – Decidi acabar a história. – Mas continuei a sentir que era o autocarro errado.

Ele hesitou, como se quisesse dar-me oportunidade para recuperar o fôlego.

– Chamo-me Oliver Wood. Estás aqui para ver o 4B?

– Exatamente. Sou a Diana.

Cumprimentámo-nos com um aperto de mão e segui-o até ao elevador. A cabina era tão pequena que, estando ao lado dele, os meus ombros roçavam no seu bíceps e conseguia sentir o aroma do *after-shave* que ele usava, leve e simples. Quando as portas se fecharam, ele inclinou-se para a frente e carregou três vezes no botão do quarto andar. Não aconteceu nada. Esperámos em silêncio e tentámos mais uma vez. Nada. Isto pareceu irritá-lo, por isso, dei um salto no lugar e a cabina começou a mexer.

– Obrigado – disse ele, a pigarrear. – Então, vives em Dallas há muito tempo?

– Não, nem por isso. Há coisa de um ano.

– Estás a estudar?

– Não. Sou pintora. – O elevador estava quente e silencioso, portanto, acrescentei: – Acabei de publicar um livro.

– A sério? – Ergueu as sobrancelhas, como se tivesse ficado genuinamente feliz por mim. – Tenho de comprar um, então.

– É um bocadinho difícil de encontrar. Foi editado por uma gráfica local minúscula.

– Oh. – A sua desilusão surpreendeu-me.

– Mas posso enviar-te um exemplar?

O livro era o único motivo que me trouxera para o Texas, depois de uma editora ter encorajado muito o meu trabalho e me ter encontrado lugar na Cooperativa. Imaginei o que podia acontecer se tirasse do

saco um exemplar do meu livro e começasse a folheá-lo com este desconhecido cortês para lhe mostrar os meus quadros, alguns deles de mulheres nos mais variados estados de desejo sexual, enquadrados com entrevistas que fiz acerca dos seus desejos.

– A minha tia também pinta – comentou ele.

– Ah, sim?

– Sim, a maior parte dos quadros são retratos. Do seu cão. – Baixou a voz como se ela estivesse por perto. – São um pouco assustadores. Mas, agora que penso nisso, os cães dela também são assustadores, por isso, talvez seja mais talentosa do que eu pensava.

– Talvez. – Sorri e senti os ombros dele a descontraírem.

O Oliver acompanhou-me até à porta do apartamento e tirou da mala um molho de chaves gigantesco. Começou a experimentar uma a seguir à outra, com as pontas das orelhas a corar, até que se ouviu finalmente um estalido e ele suspirou.

– É um sistema avançado de segurança, não é? Nem o inquilino consegue entrar na sua própria casa.

O apartamento não era grande: uma sala quadrada com duas janelas pequenas, uma com vista para o parque de estacionamento, a outra para a fila de roseiras. Tinha uma *kitchenette* com um frigorífico pequeno, um forno elétrico e um lava-loça. O Oliver consultou a sua folha de papel e disse:

– Os eletrodomésticos são todos novos! – Depois, abriu o frigorífico e encontrou um frasco de *ketchup* a meio, um frasco de maionese e uma *Coors Light*. – E vê bem os produtos de cortesia!

Ambos soltámos uma gargalhada e ele pareceu ficar aliviado.

– Podia fazer-te uma visita guiada completa, mas basta dares uma volta sobre ti mesma – disse. – Não que isso seja mau, claro. Há menos espaço para limpar.

Lembrei-me da poesia da casa de banho da Cooperativa e do chão pegajoso.

– A água e a taxa de lixo estão incluídos no aluguer. Gostas de tomar banhos de imersão?

– Gosto.